

mesa posta

NO CENTRO
JUVENIL

4





Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível?

O filósofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) *A partir da frase final O artista pensa com visões, proferida por José Gil*

Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014



João Alves

Vou falar da importância que o centro juvenil tem para mim.

O centro juvenil tem uma certa importância na vida dos adolescentes na cidade de Montemor-o-Novo. É no centro juvenil, um espaço com diversas áreas de entretenimento onde eu e outros ocupamos os tempos livres. **Foi neste espaço que descobri várias amizades, várias maneiras de como lidar com a vida, falando com o Jaime e a Anabela.**

No centro juvenil há espaços de multimédia, ateliers, actividades desenvolvidas ao longo do ano, das quais se destacam acampamentos, idas à praia, etc.

Mas não é isso que é importante.

O que é importante para mim é a forma como somos recebidos por parte do pessoal de cá. Eles recebem-nos de coração aberto, sem receberem nada em troca. Estão aqui, sempre prontos para nos ajudarem. O centro juvenil, tornou-se rotina na minha vida. Eu já não sei viver sem ele.

Gosto particularmente das conversas e dos desabafos que tenho aqui dentro deste espaço, o centro juvenil ajudou-me a crescer enquanto pessoa. Não posso

queixar-me de nada, pois isto é uma casa da amizade, e é nesta casa que habito dia a pós dia.

Sabe bem estar cá, sabe bem estar a conviver, sabe bem jogar ping-pong na sala dos jogos, etc.

O centro juvenil tornou-se a minha segunda casa, uma casa onde partilhei já muitas alegrias, lágrimas e sorrisos e certamente tu também já o fizeste.

Aqui no centro juvenil não há espaço para racismo, não há espaço para discriminações, porque somos todos iguais e de certa forma eu aprendi isto vindo regularmente aqui.

Tenho a agradecer com um carinho especial a toda a equipa que aqui trabalha, pois é esta equipa que mantém o centro juvenil de pé.







Tiago Felisberto e João P. Casabranca Rito

Jovens que frequentam o Centro Juvenil

por Sara Palmas e Ana Galeano

O QUE SABES ACERCA DO C. J.?

TIAGO F. É um espaço que foi criado para ajudar os jovens nas suas iniciativas e para passar o tempo. Temos o estúdio de som, onde se pode criar música; o multiusos onde

pode haver espectáculos, o cinema de animação onde há ferramentas para podermos trabalhar.

JOÃO R. O C.J. oferece uma boa hipótese para todos os jovens realizarem projectos. Tem várias funcionalidades.

COMO UTILIZAS O C. J.?

TIAGO F. Gosto de passar som, gosto de música, por isso, utilizo a mesa de mistura que é uma ferramenta que está disponível aqui no Centro.

JOÃO R. Neste momento, estou a “agarrar” um projecto de fotografia. Mas venho, aqui, de vez em quando, para me divertir, encontrar-me com amigos, jogar snooker, fazer ateliê...

COMO DESCREVES ESTE ESPAÇO?

TIAGO F. É um espaço bem construído. Acho que foi uma boa aposta.

JOÃO R. As instalações são bastante boas, dá para trabalharmos com

barro, madeira, temos salas de jogos, computadores, tem cinema de animação, multi-usos que é um espaço enorme que dá para fazer teatros, danças etc.

ACHAS QUE O CENTRO JUVENIL FORNECE AS FERRAMENTAS NECESSÁRIAS PARA REALIZAR OS TEUS PRÓPRIOS PROJECTOS?

TIAGO F. Sim, pois temos todas as ferramentas disponíveis para o fazer.

JOÃO R. Sim, tem o espaço ideal para começar coisas pequenas. Há malta que vem para aqui para criar as suas próprias músicas, no estúdio de som. Como, já disse, estou num



projecto de fotografia. O Jaime mostrou-me as bases da fotografia, como editá-las e como tirá-las. Venho aqui trabalhar com ele e o centro disponibiliza-me uma máquina fotográfica.

DESDE QUANDO É QUE TENS CONHECIMENTO DO CENTRO JUVENIL?

TIAGO F. Neste momento, tenho 17 anos; na altura que tive conhecimento, tinha 12 anos. Até diziam, que não podiam frequentar o centro juvenil - que tinha de ir para a Oficina da Criança.

JOÃO R. Desde que o centro abriu - fui, até, das primeiras pessoas a usufruir do espaço.

O QUE SIGNIFICA PARA TI ESTE ESPAÇO?

TIAGO F. É um espaço muito positivo, pois, ajuda os jovens de todos os modos. Isto é, desde criar projectos até a ajudar jovens com algum tipo de problemas pessoais.

JOÃO R. Isto é uma casa que todos os jovens podem frequentar. Somos bem tratados e, para mim, é uma excelente hipótese de aprender para o futuro.







Dr. Mário Nunes Vacas e sua Excm.ª Esposa — Directores do Colégio

do actual Director e Proprietário, sr. Dr. Mário Nunes Vacas, em 1938. Promulgado em 1949 o Estatuto do Ensino Particular, este estabelecimento de ensino passou a designar-se Externato «Mestre de Avis».

Até 1953 funcionou em edificio arrendado, na Rua de Quebradas-Costas. As suas instalações eram, porém, deficientes e as exigências cada vez maiores, quer pela crescente frequência escolar, quer pela necessidade de completar e aperfeiçoar os meios de ensino e formação dos alunos.

Em Outubro de 1953 o Externato «Mestre de Avis», após transferência de todo o material escolar e mobiliário, começou a funcionar no seu novo edificio, especialmente construído para o efeito, junto à Avenida Gago Coutinho em belas condições pedagógicas e didácticas, dispondo das necessárias salas amplas, laboratórios de física e química devidamente apetrechados, vasto ginásio, sedes para a Mocidade Portuguesa masculina e feminina, recreios para rapazes e para meninas.

Pouco depois, em instalações provisórias, começou o Colégio a ministrar também o ensino infantil pré-primário. Não tardou muito que surgisse em sector lateral ao do Ensino Secundário, um belo Pavilhão destinado expressamente a ministrar o ensino infantil e o ensino primário para rapazes e meninas, tendo anexos ringue de patinagem, parque infantil, campo de jogos e recreios.

Finalmente, o plano completou-se com um óptimo conjunto de Piscinas, já em funcionamen-

to. Os directores do Externato «Mestre de Avis», srs. Dr. Mário Nunes Vacas e Dr.ª Ana Ribeiro da Mota Nunes Vacas, sua Esposa, trabalha uma escolhida e dedicada equipa de Professores, empenhados na tarefa comum de formar os homens e mulheres de amanhã.

A frequência escolar deste colégio, no corrente ano, foi de 180 alunos, sendo 140 do ensino liceal e os restantes do sector primário.

completa e quadro para novo edificio da Escola Primária Masculina, no futuro, onde decorrem aulas diurnas e nocturnas. O edificio necessita totalmente de manutenção, necessito beneficiações, nomeadamente com a construção de algumas salas para aulas e de outras salas para actividades escolares fundadas.

Nestes anos decorridos a sua inauguração, possui esta Escola 1.071 alunos, dos 63 sexos.

A frequência actual dos alunos, sendo 275 do ensino primário e 125 dos secundários.

O Corpo Docente é constituído, por 50 Professores e Mestres, entre efectivos e contratados, sob a direcção do Excm.ª Sr. Dr. Joaquim Vaz Velho, seu director, desde o inicio, possuindo aqui ministrado e obtidos.

A Exposição anual de trabalhos escolares revela ao publico visitante numeroso e interessado, aqui ministrado e obtidos.

A Escola Industrial de Montemor-o-Novo, do condicionalismo da mudança instalações,

Externato «Mestre de Avis»



ENSINO LICEAL E PRIMÁRIO
para ambos os sexos

Ciclo único de preparação para o Ensino Liceal

DIRECTOR — Dr. Mário Nunes Vacas
licenciado p/ Faculdade de Letras da Universidade

Av.ª Gago Coutinho — Telef. 82156 — MONTE

António Luís da Mata Vacas

Carlos Bento

Carlos Pinto de Sá

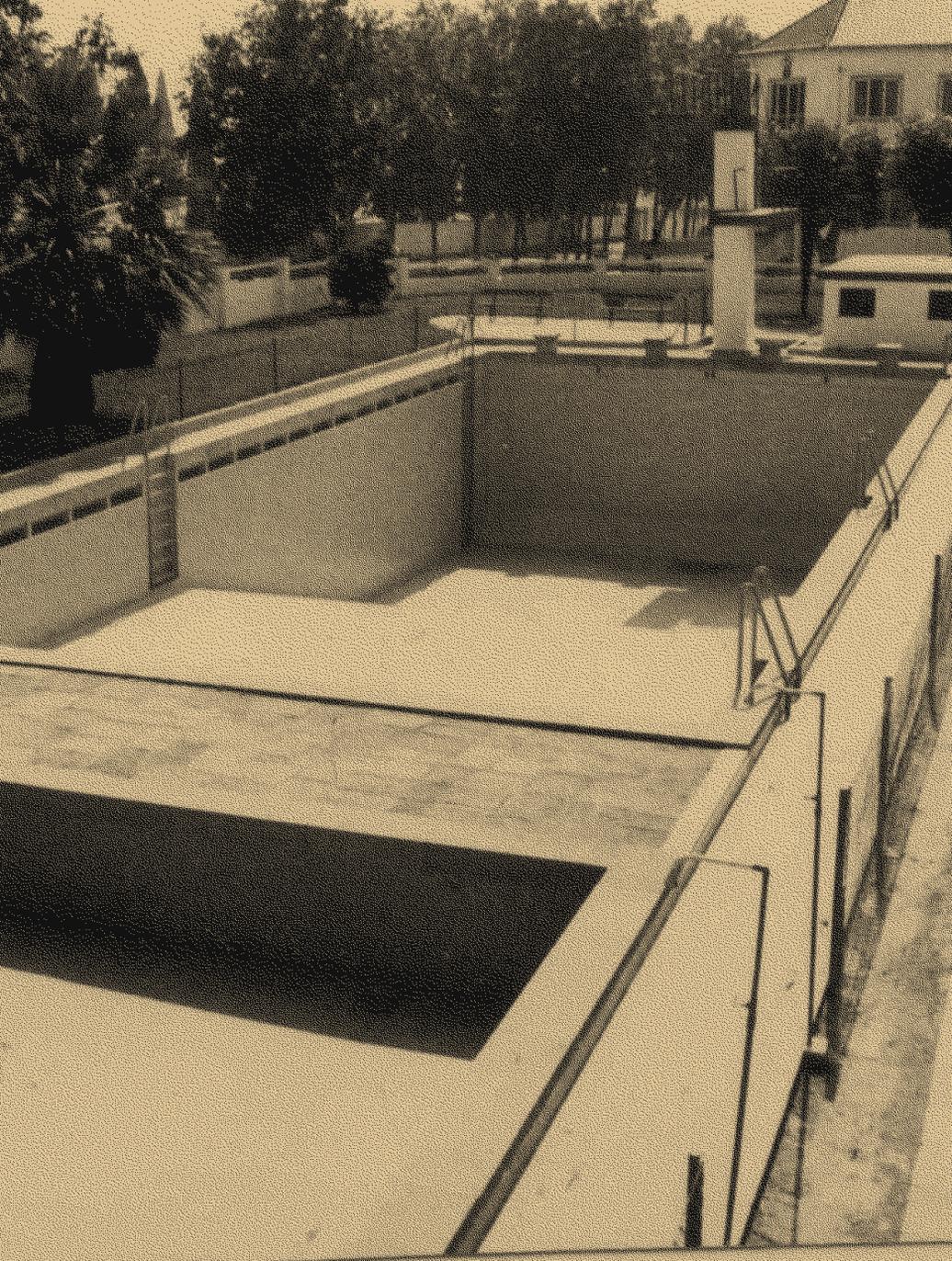
Joaquim Miguel

Vitalina Sofio

Vítor Guita

Entrevista:

por Sara Palmas e Ana Galeano



CARLOS PINTO DE SÁ Aluno ano de 1972/73, Antigo 5º ano. "Entretanto o externato passou a ser público pertencendo a uma secção do Liceu Nacional de Évora".

CARLOS BENTO Aluno no ano de 1961/62 até 1967/68.

PROF. VÍTOR GUITA Aluno na época de 1958 até ao 5º ano. Professor na Escola Industrial e Comercial. "Fui, praticamente, criado nesta casa".

VITALINA SOFIO Aluna entre 1966/71

ANTÓNIO LUÍS DA MATA VACAS antigo proprietário, filho do director Mário Vacas

JOAQUIM MIGUEL "*mais conhecido como Miguel que eu não sei quem é o Joaquim*": Funcionário do liceu nos anos 80. Nesta altura, era uma secção que pertencia à Escola Secundária.

E QUAL ERA A SUA FUNÇÃO?

MIGUEL Fazia tudo. Trabalhava no bufete, fazia a limpeza, vigiava os alunos.

O EXTERNATO FOI UM PROJECTO INOVADOR, COMO O RECORDA?

A. VACAS O colégio já existia na rua do Quebra-Costas, mas, as instalações eram muito antigas e degradadas. O meu pai construiu este

edifício de raiz, com condições para a prática do ensino, para ser o externato Mestre de Aviz e moradia do director e da família.

VIVEU AQUI QUANTOS ANOS?

A. VACAS Isto foi construído em 1953 e vivemos aqui até 1974, salvo erro. O edifício foi vendido ao Estado e passou a funcionar como secção do liceu de Évora. Em 74, estava a cumprir serviço militar - não acompanhei a transição.

O COLÉGIO DESTINAVA-SE A TODA A POPULAÇÃO?

A. VACAS O colégio era privado. Fazia parte da rede das instituições privadas do ensino. Aqui, em Montemor, o ensino público era até à 4ª classe. A partir daí, o único estabelecimento de ensino que havia para continuar os estudos era o externato.

COMO ERAM AS CONDIÇÕES DA ESCOLA?

C. DE SÁ As condições eram muito boas, comparadas com o que havia, até à data.

Salas excepcionais, sala de estudo, espaços para outras actividades, ginásio, piscina - apesar de não a podermos utilizar.

C. BENTO Haviam salas com melhores equipamentos, ginásio, piscinas do que na Escola Industrial e Comercial, por exemplo.

PROF. V. **Era um colégio de ponta.**

VITALINA S. Haviam regras muito rígidas - não tem nada a ver com aquilo que se passa, actualmente, nas escolas. Eram turmas mistas: para cada ano havia só uma turma, mas havia separação nítida entre rapazes e raparigas. Uma das coisas que me lembro é que havia filas para rapazes e raparigas, tal como, nos recreios.

O recreio era separado por uma sebe de buchos. Nos intervalos, não estávamos juntos e havia sempre professores a acompanhar o intervalo. Em relação, às condições físicas da Escola a escola era muito boa; foi construída de propósito com esta finalidade. Tinha um pátio grande, salas de convívio, o ginásio, o laboratório.

MIGUEL Era um edifício já velho, mas com condições. As salas aqui eram boas, ao pé da praça de touros havia uma escola e chovia lá dentro. No tempo do Dr. Mário, o ginásio era nestas instalações. Quando me tornei contínuo, a sala onde se situava o ginásio passou a ser uma sala de aula.

E OS MÉTODOS PEDAGÓGICOS E DIDÁCTICOS DA ESCOLA?

C. DE SÁ Eram os tradicionais à época: o ensino apelava à memorização e não à criatividade e inovação. Era um colégio privado o que significava que, apenas, uma pequena percentagem da população tinha acesso ao mesmo. Só aqueles com rendimentos elevados os meus pais fizeram um grande esforço, na altura, para que eu pudesse ali estudar. Não era um estabelecimento de ensino para a generalidade das pessoas. Era um ensino muito autocrático. Era um tipo de ensino rígido que, felizmente, foi ultrapassado. Recordo-me de uma situação interessante: **fui a casa de um tio meu, que tinha estudado no externato havia 20 anos. Eu estava a estudar Ciências Naturais e ele reparou no meu caderno que tinha exactamente a mesma matéria que era a dele há 20 anos atrás.**

C. BENTO Eram bons mas, demasiados, rígidos.

PROF. V. O Dr. Mário era, extremamente, metódico. Havia, por exemplo, a partir das 17H30m sessões de estudo para os alunos.

VITALINA S. Era tudo, completamente, diferente do que é agora, é claro. Mas, havia um professor por disciplina e os métodos eram os que



eram utilizados na altura o método de transmissão. Os professores eram muito rigorosos porque havia uma imagem do colégio a defender. Havia exames no 2º ano (agora 6º) e no 5º ano (agora 9º) no liceu em Évora. Como era ensino particular, nós fazíamos os exames no liceu e aí a imagem do colégio não podia ser posta em causa. Os professores esforçavam-se muito e faziam uma avaliação, para que quando fôssemos aos exames, fizéssemos boa figura. Os professores eram muito, muito exigentes.

C. DE SÁ Lembro-me de um episódio, tinha 12 anos, que me

marcou muito com um professor de Desenho Geométrico: um colega meu não soube realizar um exercício e começou a ficar nervoso. O professor, às tantas, começa a “disparatar” com ele e em frente a todos deu-lhe uma sova.

VITALINA S. O professor de francês e inglês, que era um professor do norte e que depois dava explicações aos alunos que se queriam preparar para a universidade. Punha-nos, frequentemente, de castigo quando as notas não correspondiam àquilo que ele esperava. Eu fiz milhares de verbos de francês e acho que ainda, hoje, os sei. E nós dizíamos: “Ai, mas

como conseguimos fazer tantos verbos para amanhã?". **"A noite não tem portas!"** - dizia esse professor. Ficou célebre por dizer sempre isso.

A. VACAS Eram métodos rigorosos, mas, os alunos saíam bem preparados. Os alunos do externato que iam para o liceu de Évora, eram bem vistos, e a escola, uma escola de referência.

Era um ambiente austero - havia um grande respeito pelos professores. Era uma escola bastante disciplinada.

O professor era uma figura muito respeitada e o director - mais ainda!

ESTUDOU AQUI?

A. VACAS Sim. Estudei na secção infantil, fiz a instrução primária e fiz o curso até ao 5º ano do liceu (actual 9º ano). Chamava-se o curso geral dos liceus. Fui aluno dos meus pais, o meu pai era professor de geografia, Ciências Naturais e Desenho. A minha mãe era professora de Física e Matemática.

A RELAÇÃO PAIS/PROFESSORES ERA ESTRANHA PARA SI?

A. VACAS Não, como fui habituado a ser assim, achava normal. Os meus pais eram professores; eu era filho e aluno.

E A SUA RELAÇÃO COM OS ALUNOS?

MIGUEL Belíssima. Estava aqui para servir os alunos. Só a dois ou três é que dei uma bofetada - talvez porque já os tivesse repreendido várias vezes. Os tempos eram outros!

Sempre me dei bem com toda a gente. Fui chefe do pessoal e, se por algum motivo, era chamado ao gabinete do Director eu falava com os meus colegas, sempre.

COMO ERAM OS RECREIOS?

A. VACAS Os recreios tinham uma particularidade: havia recreio para os rapazes e raparigas. Neste momento, há ali uma construção que parece uma ruína. Antigamente, nesse local havia um arco que separava os recreios e um portão. Se algum rapaz quisesse falar com alguma rapariga, tinha que se chegar perto do portão. Havia, aqui, um ringue de patinagem e até chegou a haver uma equipa de hóquei em patins. Mas foi uma coisa muito primitiva.

C. DE SÁ Pode parecer estranho, mas havia uma separação de sexos. O recreio era dividido por uma sebe. As turmas eram mistas as raparigas ficavam de um lado e os rapazes do outro. Não podíamos falar com as

raparigas dentro da sala de aula, no recreio, nem à porta.

Em relação às brincadeiras jogávamos futebol, à macaca, ao salto à corda. E jogávamos ao ringue era um jogo que procurávamos jogar com as raparigas (quando não estávamos a ser vigiados).

C. BENTO Fazíamos jogos e divertíamos-nos eu era a cantar.

PROF. V. Conversava-se. Havia um ringue onde podíamos praticar patinagem. Havia, também, uma caixa de areia para os saltos e nós aproveitávamos para brincar e fazer algumas asneiras.

VITALINA S. Nós - as raparigas - o que fazíamos com mais movimento era jogar ao ringue. Já éramos crescidas (entre os 10 e os 15 anos) e já não havia muitas brincadeiras de criança. A actividade principal era jogar ao ringue ou ao Mata que era o mesmo tipo de jogo mas com uma bola. O ringue, às vezes, ia parar ao quintal dos vizinhos e havia alguns problemas por causa disso. Também havia, por vezes, interdições a este jogo. Lembro-me, de uma vez, o Dr Mário vir com um saco cheio de bolas e ringues.

Os professores acompanhavam o estudo. Os rapazes à tarde ficavam obrigatoriamente numa sessão de

estudo acompanhado. As raparigas iam para casa e não podiam sair à tarde. **Havia professores que circulavam pela cidade para verificar "qual rapariga!" - andava na rua à tarde, na hora de estar a estudar.** Era mesmo assim, agora rimo-nos, mas, era mesmo assim.

C. DE SÁ Lembro-me de uma situação que tive perto do colégio; estava a falar com uma colega minha até a uma distância razoável, num sábado de manhã (havia aulas ao sábado de manhã). Segunda-feira quando chegámos à escola fomos chamados ao gabinete do director e este perguntou-nos que vergonha era aquela era uma situação que hoje é incompreensível e que naquela altura era difícil para nós.

MIGUEL Quando andei a trabalhar para o Dr. Mário na construção do edifício (eu era pintor antes de ser funcionário desta escola) havia uma separação dos recreios. No meu tempo como funcionário, já não. Os miúdos jogavam ao peão, faziam rodas, saltavam uns em cima de outros.

HAVIA CANTINA?

A. VACAS Não, cada um ia fazer as refeições em casa. Moravam todos aqui perto. Não havia cantina nem bar.





MIGUEL Havia um bufete: sandes com linguiça, fiambre, bolos e chocolates. O refeitório só existiu muito tempo depois.

FIZERAM-SE INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS PARA O ENSINO DE PRÉ-PRIMÁRIA E PRIMÁRIA. HAVIA CONTACTO ENTRE OS DIFERENTES GRAUS DE ENSINO?

A. VACAS Sim, no recreio. A primária funcionou aqui, só durante algum tempo, e depois foi construído ao lado das piscinas - outro edifício destinado a esta secção. Tínhamos mais contacto quando ainda funcionava aqui.

C. DE SÁ Não tínhamos contacto com os mais novos, ainda que, as aulas de ginástica fossem naquela zona.

PROF. V. Não mas a minha irmã foi professora nessa secção infantil. A secção infantil funcionou, primeiramente, ao lado do recreio das raparigas. Depois mudou para onde é hoje o Theatron.

VITALINA S. Eu tenho ideia que a pré-primária nem chegou a funcionar. A primária funcionou durante uma série de anos como ensino particular. A responsável era a Dra. Ana Vacas. Era uma turma pequena. Eu lembro-me porque quando eu

terminei o quinto ano tinha 16 anos. Depois não fui estudar mais; tinha de ir para o Liceu de Évora para terminar o 6º e 7º ano e, posteriormente, ir para a Universidade. Os meus pais acharam que não era altura de sair de casa e desistimos da ideia de continuar a estudar. Então, a Dr. Ana convidou-me para "tomar conta" da turma da primária e eu aceitei durante um ano. **Fui ensinando os miúdos tal como eu tinha aprendido, e descobri que gostava de ser professora.**

COMO DESCREVE OS PROFESSORES?

C. DE SÁ O professor era a autoridade máxima. Não havia um professor para cada disciplina; os professores davam mais que uma disciplina. Lembro-me de um professor que dava Francês, Inglês, Latim, Grego. Recordo-me, também, do Director que dava Ciências Naturais e Desenho Geométrico e da esposa - a Dr. Ana - que dava Ciências Naturais, Matemática e Religião Moral (era obrigatório). **Recordo-me de um professor de Ginástica que era Comandante do Posto da GNR e que dava as aulas fardado, mandando um aluno mais velho exemplificar.**



C. BENTO Havia professores comunicativos e amigos mas a grande maioria eram professores muito exigentes.

PROF. V. Tive a sorte de ter tido bons professores. Tive o Padre Simões, a português, o Dr. Gabriel que era um sábio na área das línguas.

VITALINA S. Como disse - muito exigentes. Durante anos foram sempre os mesmos professores. Estes eram seleccionados. E quem não aprendia melhor; aprendia pior. O Director era uma pessoa com uma postura muito digna e rigorosa. Mas tinha umas botas caneleiras que chiavam no corredor e nós já sabíamos quando ele vinha!

A. VACAS Eram pessoas muito esforçadas e dedicadas. O meu pai tinha o cuidado de escolher pessoas que fossem rectas e disciplinadas. Por exemplo, tivemos aqui um professor, o Dr. Gabriel Paiva Domingues, que era uma figura carismática.

ERA OBRIGATÓRIO O USO DE UNIFORME?

A. VACAS Uniformes não havia, cada um vinha com a roupa que queria.

C. DE SÁ Na escola não; nas aulas de ginásticas tínhamos de usar um

equipamento igual (calças e blusa branca).

C. BENTO Não havia. Apenas na escola Industrial os rapazes usavam uns macacões e as raparigas umas batas.

PROF. V. Enquanto alunos, não.

VITALINA S. Quando vim para o colégio, ainda havia a regra de usar uniforme. Era uma bata cinzenta mas que quase ninguém queria usar.

E LEMBRA-SE DAS PISCINAS? QUEM TINHA ACESSO A ESSAS INSTALAÇÕES?

A. VACAS Não me lembro bem do ano da inauguração. Sim, tinha acesso a elas, aliás, até fiz parte da construção. Ainda ajudei com a picareta e a pá a fazer o buraco onde está a piscina.

C. DE SÁ As piscinas eram particulares mas, a determinada altura, tornaram-se públicas; mas não a todo o público apenas aqueles que estavam ligados ao colégio. No ano anterior ao 25 de Abril (ano em que o colégio encerrou), julgo que venderam as instalações ao Ministério Público.

C. BENTO As piscinas não eram para os estudantes. Quando abriram foram para a população da cidade.

PROF. V. Como cresci muito perto da família do director, tive o privilégio de ter acesso às piscinas. Havia as piscinas e um poço enorme que ajudava a abastecer a piscina e a nossa atracção era descer ao fundo do poço. Era muito mais clandestino. À noite a rapaziada vinha para as piscinas tomar banho. O Dr. Mário tinha um tique andava sempre a pigarrear da garganta e quando ouvíamos aquele som até saltávamos os muros sem mãos para não sermos apanhados. (Risos)

VITALINA S. As piscinas não funcionaram sempre... O colégio foi construído nos anos 50. As piscinas abriram quando eu estava no meu 2º ano, em 1968 ou 69. O Dr. Mário, que também era nosso professor de Ciências, decretou que quem conseguisse ser dispensado da prova oral desse ano, recebia uma entrada livre nas piscinas. Aprendi a nadar nesse Verão. (Risos)

MIGUEL Os alunos e os familiares dos alunos. Só entrava quem o Dr. Mário Vacas queria existia uma certa restrição.

**A SEDE DA MOCIDADE PORTUGUESA
SITUAVA-SE NO COLÉGIO.
COMO ERA?
DO QUE SE LEMBRA?**

C. DE SÁ Sim, havia aqui um Centro da Mocidade Portuguesa em que

éramos obrigados a pertencer. Éramos reunidos por idades, nas chamadas "Quinas"; que ia dos mais novos até aos mais velhos. Aqui, havia uma relação mais estreita entre os alunos, mas pouco. E, em alguns sábados havia actividades. O responsável da M. P. era o director da Escola e, depois havia uma hierarquia. Os dirigentes eram da confiança do director e, alguns, até eram alunos. O chefe de "Quina", por exemplo, era um aluno.

C. BENTO Na M. P. havia farda: camisa verde e calção bege. Aqui levava-se muito a sério a M. P. Normalmente, as actividades da M.P. eram no ginásio ou no exterior. Eu só participei, através da Mocidade, num concurso de tiro, em Évora.

PROF. V. Havia a M.P., uma realidade um pouco por todo o país. Ao sábado fazíamos actividades desportivas, actividades de campo e actividades de ordem unida. Isto é, marcar passo, fazer instrução com bandeiras coisas muito próximas da "coisa" militar.

VITALINA S. Sim, havia umas actividades da M. P. que eram obrigatórias. Como o meu pai tinha uma opinião política completamente adversa, não frequentei as actividades. Era das poucas que não frequentava.

LEMBRA-SE QUE SALA ERA ESTA ONDE NOS ENCONTRAMOS?

C. DE SÁ Era uma sala de aula foi exactamente nesta sala que se passou aquele episódio que eu contei com o professor de Desenho Geométrico. (Estúdio hoje em dia)

C. BENTO Não me lembro. Está tudo alterado, mas penso que era o Gabinete do Director, sem certezas. (Espaço sem tabus)

PROF. V. Esta sala era uma sala de aula. Em frente era o ginásio onde havia cordas, arcos e espaldares. O Dr. Mário castigava os filhos e fechava-os horas no ginásio e eu, por solidariedade, também ficava ali fechado. Não era um castigo; era um divertimento.

VITALINA S. Esta era a sala do Director. Era aqui que ele nos chamava ou aos pais quando alguma coisa não corria bem.

Na sala havia uma secretária e uns sofás. Lembro-me desta sala quando me vim matricular; o meu pai teve uma discussão com o Dr Mário. Nós não éramos religiosos e este era um colégio católico, sendo uma questão fundamental. No entanto, ele aceitou a minha matrícula na mesma.

O QUE SIGNIFICOU, PARA SI, ESSA ÉPOCA VIVIDA NESTE ESPAÇO?

C. DE SÁ Foi uma época marcante da minha vida. Em primeiro lugar, porque tive uma experiência única. Em segundo lugar, porque antes tinha estudado numa aldeia perto, nas Silveiras, e a realidade foi absolutamente chocante. Eu tinha colegas que iam para a escola descalços. **Não percebia porque é que a professora à hora de almoço juntava os almoços todos só mais tarde percebi que muitos não tinham comida.** Depois vim para o colégio, ou seja, exactamente para o inverso, para o topo, para a elite. Esta mudança permitiu-me ver duas realidades e foram anos interessantes, tanto para a minha formação pessoal como académica. Permitiu-me ainda reflectir sobre a minha própria personalidade que foi moldada através da experiência que vivi aqui no Colégio e na Silveiras.

C. BENTO Foi óptimo. Eu estudava com entusiasmo, com prazer sabia que era aqui que estava o segredo e a segurança para um futuro melhor. A malta vinha para a escola com vontade de aprender.

PROF. V. Foram tempos belíssimos que me deram suporte para uma

vida inteira. Foi onde recebi a formação; foi o trampolim para continuar os estudos. Íamos fazer os exames ao Liceu de Évora e a rapaziada daqui ia sempre muito bem preparada, alcançando muito bons resultados.

VITALINA S. Em termos de juventude e de preparação para a vida adulta, foi uma fase importante. Fez-me perceber, ainda mais, a diferença que havia na vida das pessoas - diferenças sociais e económicas. Aqui, os alunos eram de famílias que podiam pagar não significava que fossem bons alunos. Os meus pais eram pequenos comerciantes; eu tinha facilidade em aprender, acharam que

devia aproveitar esta escola. Foi uma época muito importante na minha vida e na minha formação académica.

A. VACAS Foi uma época de formação. Foi o início da minha formação escolar e intelectual. Fez parte da moldagem da minha mente. Depois no 5º ano fui para Évora.

MIGUEL Eu gostava muito do que fazia. Tenho pena de não ser mais novo. Gostava muito dos alunos, dos meus colegas e de alguns professores. **Eu vivia para a escola. Fazia tudo pelos alunos.**





Centro Juvenil

Resumo da história da implementação do C. J. no concelho

Anabela Ferreira

Entre 1997 e 1998 uma organização informal de um grupo de jovens junto com a Câmara Municipal/ divisão sócio cultural (DSC), promoveu vários eventos. Organizados em parceria permitiram uma relação de confiança, e revelaram o interesse num espaço onde os jovens se pudessem encontrar.

Em 1998 esta organização ganha forma e ocupa um espaço no Lg. General Humberto Delgado, em parceria com outros projetos (IPJ/ Univa, Sete sois sete luas, Associação Theatron e MARCA Adl) com utilização partilhada do espaço.

O centro resumia-se ao uso de três salas com computadores, mesa de ping-pong e sala de formação com

televisão, mais um espaço de exposições nas antigas cavalariças do edifício.

Em Maio de 1999 o Centro Juvenil passa a ter coordenação e inicia-se o processo de mudança para o edifício do antigo Colégio Mestre de Aviz, cedido ao Município de Montemor-o-novo pelo ministério da educação por um período de 40 anos.

A coordenação permitiu alargar o desempenho e as áreas de intervenção do centro juvenil, na medida em que se começou a encarar no serviço da juventude a programação infanto juvenil, em parceria com o serviço da educação/case (na época pertencentes ao mesmo serviço da DSC e com a

mesma chefia). Começou pela organização de eventos com o objetivo de colocar os jovens na sua organização e promoção, constituindo um grupo informal de trabalho em prol de um projeto – A organização de um festival multidisciplinar e com a temática do ambiente, ao qual se deu o nome de "LIXO é festival!". Este evento permitiu fazer um diagnóstico do envolvimento real dos jovens locais (na faixa etária dos 12 aos 35 anos) nas atividades culturais.

Outro dos papéis ativos na época era o intercâmbio cultural com as cidades irmãs que envolveu durante anos a participação de jovens locais em projetos de âmbito nacional como "As novas vozes", intercâmbios de jovens, ou mesmo o "Festival das 4 cidades".

O Centro Juvenil passou a elaborar um plano de atividades para os jovens e a incentivar projetos de criação artística: cartazes dos eventos, cenografia para espectáculos e exposições (do centro e de associações culturais locais), eventos de âmbito local com a preocupação ambiental de educação informal para a cidadania (por exemplo, a árvore de natal em latas), criação do seu próprio projeto numa ótica de continuidade do trabalho artístico da oficina da criança.

Para se poder dar início às obras no novo espaço houve a necessidade de

mudar novamente, para um outro também provisório: os Celeiros da antiga EPAC. Era primordial dar resposta às solicitações que o Centro Juvenil começou a ter tanto ao nível inter divisão como de programação cultural/ eventos, nomeadamente: organização, produção e desempenho das três feiras medievais, espectáculos da escola de ballet e oficina do canto na construção de figurinos e cenografia.

Os projetos com as escolas começaram a ter uma maior vertente de educação informal e com uma pedagogia de acção trabalhada em conjunto com os professores ao longo do ano letivo, deixando de ser a mera programação de eventos esporádicos para ser um projeto anual a ser desenvolvido com e em parceria com uma determinada disciplina (ex.: apoio continuado à disciplina de EVT 09/10/11 na realização de curtas de animação, construção de produtos, formação de audiovisuais aos alunos do curso profissional de desporto, construção de um filme de animação com todos os alunos das freguesias (por exemplo: "Antigamente tudo era diferente"), e ao desafio à turma do curso profissional de design de equipamento, projetos pedagógicos que valorizam os recursos da cidade, como sendo a construção em terra/telheiro (projeto "Habitar"), centro de compostagem/

ADUA com as turmas de agropecuária e viticultura.

Um dos grandes objetivos do centro juvenil enquanto ação direta com a comunidade, também passa pela concertação interna (com as varias divisões da câmara: DASU; DASSE; DAO) do plano de atividades, conseguindo nos últimos anos vários avanços no que diz respeito ao reconhecimento do trabalho que se desenvolve, bem como das capacidades que os jovens montemorenses têm, e tornando cada vez mais evidente para todos a importância de existir um espaço como este na cidade.

Nesta medida o centro juvenil desenvolve projetos transversais e multidisciplinares que tenham a ver com os grandes objetivos do Plano e que vão ao encontro das necessidades dos jovens da cidade e do entendimento da própria cidade, são exemplo disso: os produtos audiovisuais criados no âmbito do projeto "Doc Aldeia", o estudo sobre o reino dos fungos em Monfurado, os programas de voluntariado jovem, projetos em parceria com a comunidade escolar, projetos de inclusão de públicos com deficiência, projetos de empreendedorismo social ou até mesmo resposta multidisciplinar às necessidades de saúde pública juvenil com encaminhamentos e acompanhamentos de casos nas áreas da psicologia com um dia de

atendimento, acção social, nutrição, e planeamento familiar em parceria com a UCC Monte MOR_ARS Alentejo e Cercimor - pelo CAFAP; na área da prevenção de comportamentos e situações de risco com o projeto da psicomotricidade em parceria com a Universidade de Évora e o Agrupamento de Escolas. Na realização de eventos de âmbito nacional e internacional, é exemplo disso a "Festa Mundial da Animação"; no apoio às áreas artísticas e a jovens que queiram traçar um percurso profissional artístico como a música, animação ou as artes plásticas e a joalheria (gravação de covers de bateria, voz, concursos de bandas, apoio na realização de curtas de animação e dinamização de workshops).

O centro juvenil é hoje um espaço que também permite a residência de jovens, para criar e produzir em Montemor e para levar a cultura de Montemor pelo mundo (dando apoio a projetos dinamizados pelas associações locais e nacionais cujo objetivo e objeto de estudo seja o concelho) e no acolhimento e acompanhamento de estagiários do Alentejo (Évora , Serpa, Portalegre, Setúbal) nas várias áreas de acção: multimédia e audiovisuais, cinema de animação, organização de eventos, animação cultural e fotografia.

As características sociais da população de Montemor exigem cada vez mais um trabalho de rede e parceria ativa, não só com os serviços internos do município como com a comunidade do segundo e terceiro sector de atividade, e nos últimos anos tem se vindo a registar um reconhecimento e um aumento da procura significativos, bem como na visibilidade publica dos resultados (por exemplo: a programação do Ciclo da Primavera 2013, incluir a passagem dos produtos realizados no âmbito do DOC Aldeia, e da Agenda 21, o 1º Prémio Nacional da animação 2013, as parcerias diversas na realização de filmes de animação "Dodu- um rapaz de cartão" de José Miguel Ribeiro, "Desassossego" de Lorenzo Del 'Inocenti, entre outros).

Embora ainda existam constrangimentos, sendo um deles as problemáticas de envolvimento dos vários públicos nas atividades diárias, nomeadamente dos públicos femininos. Outro dos constrangimentos será o tamanho geográfico do concelho que nos obriga muitas vezes a repensar nas estratégias e adaptar determinados projetos ("Antigamente tudo era Diferente"-filme de animação; parceria com o Escolhas Projeto E5G_monte Dentro) para conseguir alcançar e envolver a comunidade no seu todo.

Missão e objetivos

Lugar de encontro; lugar de partilha, motor de novas descobertas, promotor de dinâmicas para e com a comunidade. Lugar de debate e aprendizagens aberto a todos! Um instrumento ao serviço dos jovens, para a criação e concretização de projectos das mais variadas naturezas.

Berço de conhecimento, transmissor de boas práticas e valores juvenis, como a inter ajuda, a amizade, o respeito à diferença, o respeito por si próprio, o respeito aos espaços, o auto conhecimento; o trabalho comunitário, de participação social e estímulo à cidadania, uma porta para o mundo da inclusão.

Neste sentido acreditamos num lugar de reflexão livre de preconceitos e juízos de valor, que prime pelo incentivo à multiculturalidade, um espaço de unidade na diversidade, no desenvolvimento do espírito crítico e autocrítico.

Na adolescência tudo se encontra no plano do possível, mas mesmo qualquer ideia abstracta e especulativa tem de estar ancorada na realidade, na substância das coisas. Neste caso, encontra-se na existência de um local - Centro Juvenil - que auxilia, promove e incentiva os jovens do concelho a serem participantes activos.



[Entremuros]



[Entremuros]

Carusto Camargo *

A instalação em tijolos de adobe “Entremuros”, localizada na área externa do C.J. - Centro Juvenil do Município de Montemor-o-Novo, é resultado de 4 meses de um trabalho com a comunidade, com o grupo de jovens atendidos pela CERCIMOR. Uma ação participada, que se desenvolveu de setembro a dezembro de 2014, com cerca de 70 pessoas e com o apoio das equipes do Centro Juvenil, da Oficinas do Convento e dos demais setores da Prefeitura. A partir do saber local e do Telheiro da Encosta do Castelo, se elaborou cerca de 1500 tijolos de adobe, onde areia, terra,

argila, palha e água com sumo de piteira, foram primeiramente misturados e amassados com os pés, pelo caminhar, cantar e compartilhar em roda e, posteriormente, prensados com as mãos dentro de formas de madeira com as medidas externas dos tijolos. Na etapa final, o muro foi construído durante um mutirão de quinze dias, tomando como base as técnicas de construção da região, conhecidas pelos integrantes do grupo.

Além da importância histórica e atual do Centro Juvenil na construção de conhecimentos, liberdades e de

uma cidadania compartilhada, o local escolhido trata-se de um percurso de passagem, um atalho utilizado diariamente pela comunidade. O projeto do muro, realizado conjuntamente com a construção e secagem dos tijolos, buscou cativar este caminhante, inseri-lo na realidade do outro de forma que ele possa vivenciar, perceber e se apropriar novamente de seu entorno. Pequenas ações podem e devem ser realizadas frente a instalação "Entremuros" e outros muros da cidade visando transpor as muralhas invisíveis que nos separam. Uma pequena carta colorida sobre uma pedra branca posicionada no topo de um muro de passagem, potencializa um diálogo com o outro, o proprietário que o outro lado habita, como ao próximo caminhante que do mesmo percurso se utiliza. Dia após dia, a fileira de cartas e pedras posicionadas sobre o muro constrói uma visibilidade de aproximação, mesmo que nunca uma carta/resposta receba, o ato em si já se consolida como uma ação de comunicabilidade e transposição de barreiras. Considerando a ativação cultural do local, as aberturas de passagem presentes no projeto criam espaços de convívio e diálogo com as edificações vizinhas e com o percurso do caminhante de forma a possibilitar a projeção de cinema ao ar livre e o acontecimento de espetáculos de música, teatro, bonecos, bem como, se

consolidar como local de encontro e comemorações festivas.

Construído em ciranda, com o amassar dos pés, o moldar das mãos e o fermentar das ideias e ideais, "Entremuros", muro aberto que fisicamente nada separa, protege, ou mesmo engloba, elaborado com e para todos, em lembranças, confissões e saudades une, muito alguém da sobrevivência física de seu traçado e elevação. Uma ação aberta, um processo continuado em aguardo de novas intervenções físicas, poéticas e culturais em sua materialidade, seja o cuidado que requer a sua sobrevivência física frente ao desgaste de sua materialidade perene, a terra não queimada, como a constante ativação de um caminhante alheio ao seu entorno, carente de pertencer e revisitar sua coletividade e, ainda, imerso em uma cegueira contemporânea que somente o novo consome e descarta o que não mais novo se mantém.

* Professor do IA/UFGRS - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Brasil, desenvolve em 2014 no VICARTE/ Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, projeto de pós-doutoramento intitulado "Muralhas do Corpo", sob a supervisão de Virgínia Fróis e apoio da Fundação Capes do Ministério de Educação do Brasil.



Custódia Farófiás

“Na minha época, pelo Carnaval, comíamos peru, filhoses, pastéis de grão e brunhóis de abóbora. Fazíamos um guisado de peru no fogareiro de ferro com as brasas da lenha.

Guisado de peru:

O peru era cortado, colocávamos numa caçarola e regado de vinho branco, colocávamos uma cebola, cravinho, alho, salsa, louro, sal e banha de porco. Tinha que cozer nestes temperos e não podia levar água.

O “papo” de peru:

Era um petisco divinal que se fazia com os mesmos temperos do guisado, mas era utilizado só o “papo”. Este petisco oferecia-se às visitas e acompanhava-se, geralmente, de um copo de vinho branco.

Filhoses:

Farinha, ovo, ervas doces, água ardente, banha

Amassava-se dentro de um alguidar de barro. Estendia-se com uma cana que servia de rolo. Fritava-se em azeite.

Brunhóis de abóbora:

Cozia-se a abóbora e deixávamos escorrer de um dia para outro. Amassava-se com farinha, ovo, canela, casca de laranja. Fritava-se em azeite, às colheradas.

Pastéis de grão:

Farinha, sal, ovo, vinho branco, manteiga

Para o recheio:

Grão passado, açúcar, canela, sal

Estendia-se a massa, colocava-se uma colherada de recheio. Enrolava-se e fritava-se em azeite.

“Cá medidas, íamos juntando, era tudo a olho”.

Mesa Posta nº 4, Fevereiro 2015
1ª edição 200 ex. edição e recolha de conteúdos:
Oficinas do Convento
edição gráfica Miguel Rocha
colaboraram: Tiago Fróis
Nélia Martins Cátia Caeiro
Fábio Farólias Pedro Loios
Ricardo Fernandes Jaime Lagoa
David Falcão Graça Pires
João Pedro Rito Joana Torgal
Manuel Soeiro Antonio Raimundo
Elizabeth Romeiras Soraia Caldeira
Emmanuel Caeiro Anabela Ferreira
arquivo da CMMN
Folha de Montemor
Município de Montemor-o-Novo
e Oficinas do Convento
impressão:
Oficina de Impressão - OC e CMMN

Oficinas do Convento - associação cultural de arte e comunicação
Carreira de S. Francisco, Convento de S. Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo
oc@oficinasdoconvento.com www.oficinasdoconvento.com
viveracidade.oficinasdoconvento.com





Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.



Iniciativa



estrutura financiada por



em co-produção com



enquadrado na

